

A Empatia Tecnológica e as reverberações no Social¹

Deodato Rafael LIBANIO de Paula²

Benedito Diélcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Procuramos neste trabalho dar sequência às discussões realizadas em encontros anteriores da Intercom e em outros espaços de debates. O objetivo é aprofundar a nossa hipótese de Empatia Maquínica. Para isso, mostraremos as bases empíricas da pesquisa que fomentaram os questionamentos e, a partir daí, mostraremos conceitos que complementam a nossa hipótese. Trabalharemos com o conceito de Social de Benedito Diélcio Moreira e Bernd Fichtner, com o conceito de *Continuum* Mediático Atmosférico de Ciro Marcondes Filho e com os conceitos de Indivíduo, Sociedade Reticular e *Continuum* Histórico de Norbet Elias. Daremos atenção especial para o modo com que as relações e os processos comunicacionais influenciam a transformação da sociedade, fazendo mover o Continuum Histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia Tecnológica; Social; *Continuum*; *Media*.

Introdução

Neste trabalho, damos sequência às temáticas discutidas na Intercom e em outros espaços, trabalhando para desenvolver as nossas hipóteses de Empatia Maquínica e Empatia Tecnológica. As discussões realizadas deste texto são fruto de longas discussões no grupo de pesquisa “Comunicação, infância e juventude”. Como membros do grupo, desenvolvemos uma pesquisa com jovens do terceiro ano do Ensino Médio de Cuiabá para tentarmos compreender suas formas de relacionamento com a máquina e seus consumos mediáticos⁴.

Para dar sustentação às nossas ideias, realizamos uma pesquisa quantitativa com jovens estudantes da rede pública de ensino. Até esta fase da pesquisa, aplicamos 140 questionários, indagando os estudantes sobre as relações e usos de tecnologias mediáticas⁵ feitas pelos jovens.

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMT-Cuiabá, email: deodatorafaelj@gmail.com.

³ Orientador do Trabalho, professor do curso de Comunicação Social, UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br.

⁴ Pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “O Consumo Midiático e a Empatia Tecnológica”.

⁵ Segundo o Dicionário de Comunicação (MARCONDE FILHO, 2009, p. 324), o termo correto é *media*, plural do latim *medium*, porque: “A forma brasileira mídia e suas variáveis (multimídia, intermídia, hipermedia etc.) é uma construção

Nesta pesquisa, observamos como a técnica e a tecnologia influenciam no processo comunicativo dos indivíduos, reverberando nas esferas culturais, sociais e psicológicas. Como objeto de pesquisa, analisamos as apropriações que o jovem faz de suas tecnologias mediáticas, levando em conta como eles se relacionam com a máquina e o modo como eles se inter-relacionam por meio dela. Além deste processo, observamos que o modo com que os indivíduos de uma determinada época se relacionam com os objetos técnicos influencia no desenvolvimento tecnológico. Esta hipótese é a que vamos trabalhar neste texto, a Empatia Tecnológica.

O mundo virtual para estes jovens é uma realidade, pois 98,57% possuem celular com acesso à internet. Não só o número de acesso é elevado, mas a intensificação nos usos também. Nos nossos dados, 78,57% dos jovens checam mensagens no celular logo ao acordar, 90% costumam fazer postagens nas redes sociais antes de dormir e 64,28% assumem interromper ao menos uma de suas refeições diárias para verificar mensagens no aparelho. Além disso, a miniaturização dos aparelhos se torna evidente, já que o desktop, hegemônico há poucos anos atrás, se mostrou em processo de erosão. Dos jovens ouvidos, 50,71% disseram ter um desktop, 68,57% afirmam ter um notebook, e 98,57% têm um celular.

Mas, porque pesquisar os jovens? Os jovens no mundo contemporâneo estão em níveis de consumo que outras gerações não estão. Afinal, a era mediática em que nascemos influencia diretamente nas nossas aptidões e desenvolvimentos cognitivos (KERCKHOVE, 2010b). Segundo o autor, os adultos possuem dificuldades de se relacionar com os aparatos da geração dos jovens, pois nasceram em outro tempo. Por isso, a importância de pesquisar os jovens para se compreender o mundo digital, já que eles são os consumidores predominantes destas novas tecnologias, sem contar que o jovem de hoje será o adulto de amanhã, logo, as transformações iniciais que ele causa na sociedade irão se solidificar em pouco tempo.

A questão que move o nosso trabalho é a de que os jovens mostram se relacionar cada vez mais intensamente dentro da internet do que fora dela. Dos 140 questionários aplicados, 125 responderam a seguinte questão: “Você se relaciona com os seus amigos mais dentro ou fora da internet?” Dos respondentes, um percentual de 24,8% afirmaram se

linguística espúria, obtida a partir da pronúncia norte-americana do termo *media* e não se justifica essa incorporação ilegítima e empobrecedora, já que o termo *medium* é latino, como é a própria língua portuguesa, e nos dota da forma linguisticamente mais correta do termo *media*. Além do mais, *mídia* é obrigatoriamente uma expressão no plural, cabendo, no máximo, a pronúncia ‘os mídia’, devendo, contudo, a escrita manter a expressão *media*.”

relacionar mais com seus amigos pela internet, outros exatos 24,8% falaram que depende da situação ou que se relacionam de modo equilibrado entre o *online* e o *off-line*.

Parece algo simples, mas vemos aí uma mudança abrupta nos sistemas de relações humanas. Se no decorrer do tempo este número aumentar, o que chamamos de sociedade terá um sentido completamente distinto. Por isso, vale a pena pensarmos no modo como as relações humanas influenciam no processo de transformação social.

Partiremos desta matriz para fazermos as reflexões neste artigo. Iniciaremos trabalhando com o conceito de Social (MOREIRA; FICHTNER, 2015) e de *Continuum Atmosférico Mediático* (MARCONDES FILHO, 2012), mostrando que há uma ligação entre os dois, e de como as relações humanas influenciam as mudanças na sociedade, marcando um movimento no Continuum Histórico (ELIAS, 1994).

Dando sequência a estas reflexões, vamos questionar o tempo do Cronos (*Khrónos*⁶ do grego), que é o tempo homogêneo e retilíneo das máquinas (relógio), em contraposição ao tempo do organismo vivo, que se relaciona com o meio ambiente e das transformações materiais da sociedade.

Depois, discutiremos a nossa hipótese de Empatia Maquínica, mostrando como os conceitos trabalhados anteriormente a sustentam, dando sequência às discussões feitas sobre a hipótese em outros espaços. Antes de começar as discussões conceituais do texto, vale ressaltar a ideia de técnica e tecnologia que será utilizada no trabalho.

A Técnica e a Tecnologia

Para definir os dois termos, faremos uma volta à etimologia das palavras. Começamos com a técnica: a palavra técnica, vem do grego *Tekhné*, que significa “Atividade humana que, em vez de se dobrar às leis da Natureza, permite que o homem aja segundo sua própria natureza” (GOBRY, 2007, p. 142). Além disso, ela se refere a aplicação do universal no particular. Ou seja, ela é um modo de produzir, uma técnica é o modo de intervir da natureza de forma pré-determinada para gerar algo. Exemplo, o abanar de uma folha para produzir vento, com o intento de refrescar.

O termo *técnica* referia-se na Antiguidade, a um sistema organizado e codificado de gestos e regras operatórias, que permitiam reproduzir, indefinidamente o *analogon* do objeto. É o “saber poético” (do fazer), em oposição a dois saberes: o teórico (do ver), que deixa intacto seu objeto, e o prático, que visa à perfeição (moral e política) da pessoa que o executa.

⁶ Todos os termos em grego do trabalho são retirados do livro “Vocabulário grego da Filosofia”, de Ivan Gobry (2007).

Esse conceito clássico, assim, refere-se às formas do fazer, em oposição às formas do ver e do aperfeiçoar. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 107).

A palavra tecnologia precisa ser dividida em dois tomos: esta palavra se refere ao *tecno-lógos*, ou *Tekhné + Lógos*. A palavra *Lógos*, segundo Gobry (2007, p. 89) se refere à “Razão, faculdade intelectual do homem, considerada como seu caráter específico; e todas as formas de sua atividade.” Mas, não é só isso, ela se refere dentro da história do pensamento filosófico de distintas formas, mas que se complementam em seu sentido etimológico. O primeiro sentido dado a *Lógos*, segundo Gobry (2007) é a fala, a linguagem, pois ela expressa o pensamento. Na mesma trilha, Lyotard (1964), concebe a palavra estritamente ligada ao pensamento, de modo que pensar é ordenar logicamente e desdobrar as palavras. Para ele, não há pensamento sem palavra. Partindo destes raciocínios, *Lógos* designa: palavra, pensamento, raciocínio, e organização intelectual.

Então, *Tekhné + Lógos* se refere à reflexão e o raciocínio sobre a técnica. Logo, a técnica se desenvolve por causa do *Lógos*, da reflexão sobre ela. Tecnologia é o pensar sobre a técnica, a reflexão sobre os modos de produção universais aplicados no particular e a sua sucessão e desenvolvimento. Pois, uma reflexão fomenta outras, assim, a tecnologia se desenvolve e a técnica se aprimora.

O Social e o *Continuum* Mediático Atmosférico

A sociedade é algo reticular (ELIAS, 1994), ou seja, que atua em forma de rede. Neste processo relacional de forças, estruturas, grupos sociais, culturas, hábitos, crenças, tecnologias, meio ambiente e humanos é que se forma a sociedade. Nesta perspectiva, todos os membros da sociedade são interdependentes, logo, cada ação causa impacto não só no lugar em que ela foi objetivada, mas em toda a rede⁷. Podemos observar que neste paradigma a sociedade é construída comunicativamente, já que são os processos relacionais que a formam.

Porém, dentro desta grande retícula, que se move e se transforma a todo o momento, temos diversos campos. Um deles é o Social. Esta “esfera” é tão importante para a sociedade que, se ela se alterar, todo o meio sofre uma mudança. Isso se dá porque o Social diz respeito às relações humanas, e a cada transformação tecnológica e cultural, elas acabam se modificando. Moreira e Fichtner (2015, p. 77), definem o Social, como algo

⁷ Nesta questão há uma reflexão moral, pois uma ação não é simplesmente uma ação, ela é algo que envolve a sociedade. E, observamos que nesta perspectiva sociológica, o conceito de rede e interdependência nos faz rever questões morais e questionar a nossa formação enquanto indivíduos integrantes de uma sociedade.

autônomo: “com um sentido próprio, que não pode ser reduzido às estruturas sociais, nem à sociedade, nem aos processos psíquicos internos dos indivíduos. A categoria do Social é direcionada às relações sociais”.

Se este objeto é ligado às relações sociais, logo é ligado a processos comunicativos. Se o processo comunicativo é relacionado com as trocas simbólicas, podemos dizer que o Social se constitui nos processos de produção e intercâmbio de símbolos (THOMPSON, 2005). Por isso, os meios de comunicação de um período possuem uma dimensão social irreduzível, pois eles se relacionam diretamente com os modos de produção e trocas simbólicas, tais processos que constituem o Social.

O Social é formado por relações. E estas, são permeadas por distintos *media* de tempos em tempos. Quando se altera os *media* modificam-se as relações, quando estas se alteram o Social também se modifica. Nas palavras de Thompson (2005, p. 19): “o desenvolvimento dos meios de comunicação é, um sentido fundamental; uma reelaboração do caráter simbólico da vida social (...)”.

Assim, não podemos deixar de lado a força das tecnologias como agentes do Social, pois elas impactam fortemente neste meio, mudando as relações e influenciando nos processos culturais, modificando até mesmo o ambiente em que vivemos. Para Lucia Santaella (2003, p. 13), as tecnologias empregadas nos processos comunicacionais “são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais”.

Não podemos negar que as mídias têm um peso enorme na formação da sociedade. E, se de tempos em tempos este social muda, é porque existe uma constante mudança tecnológica e mediática.

Esta mudança sucessiva dos *media* é denominada de *Continuum* Amorfo Mediático, por Ciro Marcondes Filho (2012). Neste processo, o autor nos mostra que dentro das mudanças sociais que formam um *Continuum* Histórico (ELIAS, 1994), há uma transformação mediática. Na nossa ótica, sem este processo de transformação relacional não haveria mudanças na base da sociedade. Por isso, este *continuum* diz respeito às transformações do Social, que de tempos em tempos ganha certa especificidade.

Em cada espaço de tempo específico, o Social ganha uma forma, pois há uma atmosfera que o une, algo que os integra em um ambiente relacional específico de um “tempo”. Esta atmosfera é objeto amorfo, uma espécie de “ar” que circula o ambiente e que perpassa pelos processos relacionais.

Um exemplo são as relações na cultura digital (SANTAELLA, 2003). Nela a web, querendo ou não, mais ou menos, direta ou indiretamente, perpassa por todos os ambientes do nosso cotidiano. Deste modo, vivemos em um mundo em que o prisma da comunicação está voltado para o digital, até mesmo as relações face a face são pautadas por outros eventos mediáticos. Por exemplo, as relações em plataformas mediáticas, denominadas de redes sociais.

Mas, e as pessoas que não têm acesso à internet? Elas estão fora deste processo? Dentro da perspectiva do *Continuum* Amorfo Mediático elas estão e não estão, até porque estas pessoas são vistas a partir de uma perspectiva de que todos estão conectados, e se algumas não estão elas são as marginais, as excluídas do meio. A partir do momento em que olhamos para alguém e o designamos como excluído, é porque ele já está dentro do processo como um não-usuário. Ele já está fazendo parte de um campo, querendo ou não, como excluído e desprovido de bens. Um excluído integra o mesmo campo do incluído, a diferença é que ele está fora do processo. Este campo é a “atmosfera” do *continuum*.

Por isso Marcondes Filho (2012) se refere à especificidade de um período de tempo como um processo “social total”. O termo não designa um determinismo, mas diz respeito a uma ótica hegemônica do social, que pelo *continuum* será mudada no transcorrer do tempo. É importante ressaltar que o *continuum* mediático não se confunde com o imaginário, ele o suporta, ele preexiste aos objetos de um tempo que formam o imaginário. Ele é mais do que isso, é o “solo das ações comunicacionais” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 74).

Mas, se o Social se modifica dentro de um *Continuum* Mediático Atmosférico, e este reverbera em outras instâncias, como transcorrem as mudanças na sociedade, este algo macro e reticular? Ela segue uma linearidade histórica? O tempo da transformação da matéria é o tempo do *Khrónos*?

O conceito de *Continuum* Histórico cunhado por Norbert Elias (1994) mostra que a história não é algo rígido ou fechado, ela passa por um processo de transformação contínuo, mas que de tempos em tempos mostra uma peculiaridade específica. A partir deste ponto, percebemos que há uma relação da história com as transformações do Social.

A História humana não é cronológica, ela possui entraves, nuances, caminhos e descaminhos. Ela pode regredir em determinado aspecto e progredir em outros, assim como pensa Zielinski (2006). Porém, dentro desta perspectiva histórica o homem⁸ foi

⁸ Este termo no trabalho se refere à raça humana e não ao gênero.

representado de formas distintas de tempos em tempos, a cultura se modificou, as relações se transformaram e as tecnologias foram diversas.

Por exemplo, um comerciante europeu do século XVIII que precisava levar suas mercadorias à cidade vizinha para vendê-las, demorava dias e dias para chegar até lá. Além disso, não havia comunicação mediada eletricamente, o que possibilitaria a interação de modo veloz entre ele e os possíveis compradores. Tudo era feito face a face, quando muito, a relação se dava por meio de cartas.

A temporalidade antes do advento das telecomunicações era lenta, os fluxos de informação não eram tão intensos como os de hoje (THOMPSON, 2005). Todas essas relações acabaram dando uma especificidade para este tempo. Este período, que marca o início do capitalismo enquanto sistema social de fluxos monetários, possui algo que o liga, que o constitui enquanto temporalidade material.

É esta temporalidade material e a sua transformação constante que estamos chamando de *Continuum* Histórico. Ele mostra que o tempo não é algo técnico ou tecnológico como o tempo cronológico, da máquina, do relógio. O modo com que estamos tratando o tempo tem o sentido do *Khrónos* grego, que não é linear. Esta palavra fala de um percurso com acontecimentos sucessivos⁹. Este tempo é o da matéria, constituída por relações entre os humanos e deles com os seus respectivos meios/ambientes. Quanto estas reações assumem certa especificidade falamos de uma época e de um “espírito de um tempo” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 75, 76).

Siegfried Zielinski (2006), alicerçado em Hutton, nos dá uma base para pensarmos no tempo histórico. Segundo o autor, o tempo é irreversível e não linear, mas ele possui um ciclo. Quando um “tempo” se consolida com as suas especificidades, criando um espírito, ele ainda soergue, se torna mais forte. A partir deste momento de ápice, ele já começa a entrar em um processo de erosão, até o momento que ele se torna tão fraco que é deposto por outro “tempo”, sendo substituído de forma gradual. Quando notamos já estamos em outro período, o antigo foi deposto. O novo surge e se consolida, cria raízes e se torna um novo “tempo”.

Nesta perspectiva, notamos que a temporalidade é uma transformação sucessiva da matéria, pois o tempo é vivo e age diretamente nos indivíduos. Porém, as transformações que ocorrem no campo material são fruto de um conjunto de ações de escala micro e macro que proporcionam a erosão de um tempo e a solidificação do novo.

⁹ Ver: Ivan Gobry (2007, p. 85).

Por exemplo, o avanço da tecnologia. O modo como os sujeitos de um determinado espaço e tempo se apropriam de objetos específicos impulsiona o desenvolvimento e fomenta a criação de novas máquinas. Deste modo, o consumo das máquinas feito pelos indivíduos alavanca o seu desenvolvimento, fazendo com que surjam novas tecnologias. Se isso acontece, o Social as apropria, se modifica, e o cultural se altera. Por isso, as relações micro e macro podem “combinar” alavancando a transformação de um “tempo”.

Esta hipótese é que estamos denominando Empatia Tecnológica. Nela, as apropriações de consumo da máquina reverberam em outras instâncias, reconfigurando o que denominamos de Social, movendo o *Continuum* Histórico.

Mas, afinal, este ciclo temporal de Zielinski (2006) se aplicaria aos objetos técnicos? Ele impulsionaria o desenvolvimento do *tecno-lógos*? Como ocorre este processo?

A Empatia Tecnológica

Este processo foi discutido inicialmente em outras ocasiões¹⁰. Faremos aqui um aprofundamento nas questões trabalhadas anteriormente, rediscutindo alguns pontos e o modo como a Empatia Tecnológica influencia no Social, e não apenas na cultura.

Anteriormente discutimos a processo de Empatia Tecnológica como algo transcultural, ou seja, que atravessa todas as culturas, e que caminha ao lado do *Continuum* Histórico. Este processo está vinculado com a forma de consumo¹¹ e apropriação das máquinas que determinada época faz, e impulsiona o desenvolvimento da tecnologia.

Alicerçados em Santaella (2003, p. 13), analisamos o processo de transição da cultura das mídias para a cultura digital¹². Observamos que a tecnologia digital foi impulsionada pelas máquinas e pela linguagem de nicho, desenvolvidas na cultura das mídias:

[...] a cultura digital não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais o que chamo de “cultura das mídias”. Estes processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso.

¹⁰ <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0957-1.pdf>.

¹¹ O termo aqui se refere às apropriações simbólicas e relações entre humano e máquina. Quando o consumidor se relaciona com algo novo ele se apropria do produto ao seu modo, levando em conta a sua cultura como peça importante neste processo, pois cada cultura entende o mesmo objeto de modo distinto (JENKINS, 2006).

¹² Os termos “cultura das mídias”, “cultura digital”, e “cultura de massas”, são oriundos da obra “Cultura e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura”, de Lucia Santaella (2003).

Partindo desta análise, notamos que o modo com que os consumidores se apropriaram das máquinas, e as linguagens aplicadas a elas potencializaram um consumo singular e heterogêneo dos produtos mediáticos. Deste modo, a máquina começou a deixar de ser algo estático e alheio ao corpo, como na cultura de massas.

Nesta hipótese, os *walkmans*, rádios portáteis, toca fitas, TV a cabo, vídeo cassete, mais os produtos mediáticos que atendiam a nichos específicos, reverberaram na instância do *Lógos*, impulsionando o surgimento dos *personal computers*, *ipods*, celulares, até chegarem aos *smartphones*. Este último reúne todas as características dos meios da cultura de massas, da cultura das mídias e da cultura digital. Isto é possível devido à internet e as múltiplas plataformas disponíveis na máquina, o que permite distintas apropriações e linguagens, ou seja, várias formas de relações.

As máquinas, a partir daí, começaram a fazer parte do nosso cotidiano em sua totalidade. Além disso, elas se tornaram um novo órgão, e não mera prótese¹³. Hoje, vemos a cultura digital, ainda longe de seu ápice, tornar a máquina tão próxima de nós que até nutrimos sentimentos. Basta um celular cair no chão, que as lágrimas rolam.

Esse processo, de viver com o *smartphone* ao nosso lado não é algo à toa, alheio ao processo de absorção cultural da tecnologia, às práticas capitalistas de consumo e de transformações nos modos de se comunicar. O impacto dos *media* digitais é tão grande que as apropriações culturais fizeram com que surgisse uma “tecnocultura” (FELINTO, 2005). Neste novo “tempo” mudaram-se sensivelmente nossas formas de ver e viver a cultura, de se relacionar, proporcionando novas formas de habitar (SANTAELLA, 2003).

Nas palavras de Abruzzese (2010, p. 213): “o processo de desenvolvimento sociedade-mídia não se baseia sobre os efeitos da tecnologia sobre o mundo, mas sobre aquelas mutações do habitar que empurra em direção às novas tecnologias”. Este autor também entende que as formas de habitar o espaço sinaliza a direção das novas tecnologias. Ou seja, o ambiente em que vivemos também impulsiona novas formas de consumo e não só de desenvolvimento tecnológico.

Esta influência ocorre porque compactuamos com a ideia de que a sociedade forma a mente do indivíduo (ELIAS, 1994). Por isso, de tempos e tempos, de cultura em cultura, vemos indivíduos diferentes e com especificidades culturais e linguagens próprias. Alicerçados em Sansonow (2007, p. 02), defendemos que o modo como pensamos está estritamente vinculado com os “meios que permitem a produção de conhecimento”. Como

¹³ Ver: Moreira (2015); Moreira e Fichtner (2015); Libanio e Moreira (2015b).

trabalhado anteriormente, todo o processo de construção simbólica está ligado não só ao objeto, mas ao espaço em que ele se encontra e ao modo com que ele se revela ou é desvelado:

Antes da construção da representação do objeto, há uma relação entre sujeito/meio/ambiente e o modo como o objeto se apresenta para o sujeito. Este espaço tridimensional mostra possibilidades para a construção de uma representação. Ou seja, o lugar (espaço) onde o indivíduo está e o modo como um objeto se mostra, assim como o indivíduo se relaciona com ele, influenciam na construção simbólica. (LIBANIO; MOREIRA, 2015b, p. 03).

São estas apropriações que constituem a comunicação como acontecimento, que vão movimentando e modificando as formas de se comunicar a cada relação. Se as relações humanas constituem o Social, cada modificação no consumo o Social se altera, a cultura se modifica, alterando novamente as relações. Percebemos, então, que o Social é um “sistema aberto”, entrópico¹⁴, de alta complexidade. Portanto, o paradigma do “atrator estranho” nos é bem vindo para pensar esta empatia.

Deste modo, a apropriação social de um produto funciona como um “atrator”, que puxa o desenvolvimento do *tecno-lógos* para uma direção. Esta direção não se refere a algo fechado e unilateral, mas a um “sistema aberto”, em constante mutação, que funciona movido por uma força, ou seja, pelo “atrator”. A sociedade é algo entrópico, complexo, irreversível, e autopoietico¹⁵: “os homens se fazem pelos instrumentos que eles próprios inventam” (SAMSONOW, 2007, p. 01).

O “atrator”, segundo Ciro Marconde Filho (2009, p. 22), é um paradigma interessante para as Ciências Humanas, pois ele opera com a indeterminação, imprevisibilidade, o acaso e aleatoriedade, que nos permite apreender suas livres manifestações. Esse modelo nos é útil porque cada indivíduo se apropria dos produtos tecnológicos da sua forma, e de modo combinado ou não mostram práticas regulares, homogêneas e heterogêneas de consumo.

¹⁴ Segundo Ciro Marcondes Filho (2002, p. 231), “A passagem para um novo estado significa necessariamente a reorganização de todo o sistema e a provocação de uma determinada quantidade de desordem, chamada de *entropia*, conceito vindo da termodinâmica. Ele diz que a desestruturação assim como a reestruturação de um processo leva a uma perda de energia. Essa perda significa que não se pode retornar ao estado anterior, que a mudança é irreversível [...] A entropia (o ruído, a desordem) é um meio que leva o mundo não necessariamente à morte, mas a uma complexidade maior.”

¹⁵ “O termo autopoiesis é resultante da combinação do radical grego *poiesis*, que significa fazer, criar, compor (daí a palavra *poema*), com o prefixo *auto-*, que significa ‘por si mesmo’, algo que se fabrica a si mesmo. Na biologia, é auto-renovação, mantendo a integridade, uma ordem originária de dentro do próprio sistema” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 233). Porém, se o conceito cair no fechamento operacional, o autor alerta de que ele negará a relação do sistema com o meio externo, negando o ruído.

Em outras palavras, a Empatia tecnológica é o “atrator” do Social, que modifica a cultura e faz movimentar o *Continuum* Histórico. Assim, nós tentamos mostrar que o consumo e o desenvolvimento das tecnologias são interdependentes. Um processo não se sobrepõe ou determina o outro, mas eles formam “ligações complexas”, que atuam dentro desta “retícula” denominada de sociedade (ELIAS, 1994).

Considerações Finais

Desde o início da pesquisa percebemos que para pensar nos *media* devemos refletir de forma holística. Se apenas pensarmos neles como meras máquinas, aparatos ou próteses, não nos aproximaremos da sua verdadeira dimensão com que eles impactam o que chamamos de “real”.

Levando em conta o conceito de “indivíduo” de Norbert Elias (1994), um sujeito se forma no interior de uma sociedade, pelo processo de individualização. Para este autor é dentro da complexidade de uma sociedade que o sujeito se molda, isso a partir de suas relações e experiências, dentro de sua “margem de escolha”¹⁶. Assim, a sociedade forma o indivíduo e os indivíduos formam a sociedade. Um não se sobrepõe ao outro, mas se constituem como forças interdependentes, formando algo singular. Por isso, “A sociedade dos indivíduos”.

Para Elias (1994, p. 22), cada indivíduo “(...) vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o verdadeiro problema: em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica.” Nas palavras do autor, isto é fruto das ligações complexas que circundam o ambiente em que ele vive, e por isso cada indivíduo é singular.

O ser humano não nasce como indivíduo, ele precisa da sociedade para se desenvolver e se tornar indivíduo, aprendendo uma língua, condutas morais, uma cultura etc., (ELIAS, 1994, p. 26, 27). Para o autor, o indivíduo é por natureza um ser social e a condição de sua existência é a inter-relação humana. Elias (1994) nos diz que o indivíduo se forma com o acúmulo de experiências, e para tê-las ele necessita estar em relação com algo, e para estar em relação é necessário estar em sociedade (para o autor uma relação entre duas pessoas já é social).

Dado estes pressupostos, nesta nova sociedade tecnológica, cibernética, que indivíduos estão surgindo? Como podemos pensar na formação destes jovens que estão em

¹⁶ Para este autor, não somos livres, mas cada um de nós possui uma margem de escolha maior ou menor, de acordo com as esferas sociais que ocupamos dentro da sociedade. E esta margem influencia diretamente na nossa formação.

uma fase da tecnologia, o que isso afeta no que chamamos de Social? Pelo modo de pensar de Norbert Elias, com as mudanças no Social estarão surgindo novos indivíduos, que formarão uma nova sociedade. Nesta linha de reflexão, o que está prestes a acontecer? De que sociedade estamos falando? De que relações? Estará surgindo um novo homem? Um homem-máquina fruto de uma “tecnocultura”?

Bibliografia

- ABRUZZESE, Alberto. Convém falar das coisas que não se sabe. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 205-228.
- BAITELLO, Norval. **A Serpente, A Maça e o Holograma: esboços para teoria da mídia**. Paulus. São Paulo, 2010.
- _____. **A Era da Iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, São Paulo, 2014.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organização: Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 1994.
- DI FELICE, Massimo; PIREDDU, Mario. **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Paulo, São Caetano do Sul, Difusão, 2010.
- FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura**. Porto Alegre, Sulina, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução: Marco Aurélio Werle. Scientiae studia. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Aleph, 2006.
- KERCKHOVE, Derrick de. **Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003, quadrimestral, p. 712.
- _____. O novo totem do pós-humano. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 145-161.
- _____. O Futuro da Inovação. In: Centro de Altos Estudos da ESPM (Org.) **Arenas da Comunicação com o mercado: articulações entre consumo, entretenimento e cultura**. São Paulo, Alameda, 2010b.
- LIBANIO, Deodato; MOREIRA, Benedito Dielcio. **A Narrativa e o surgimento do novo em Lyotard**. Trabalho apresentado no VII Seminário do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá. Humanidades em Contexto: saberes e interpretações, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/9417092/A_Narrativa_e_o_surgimento_do_novo_em_Lyotard>. Acesso em 07 de julho de 2015.
- _____. **A Empatia Maquínica e as Novas Formas de Habitar o Mundo**. Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande, 2015a. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0037-1.pdf>>. Acesso em 07 de julho de 2015.
- _____. **Homem e máquina: suas transformações relacionais**. Trabalho apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus da Praia Vermelha, 2015b. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0957-1.pdf>>. Acesso em 09 de abril de 2016.
- LYOTARD, Jean-François. **¿Porqué Filosofar?** Edición electrónica de www.philosophia.cl. Escuela de Filosofía, Universidad ARCIS. 1964.

- MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, Coleção Ponto de Apoio, 1994.
- _____. **Cenários do novo mundo**. São Paulo, Edições NTC, 1998.
- _____. **Alice do país do videodrome: de como os receptores foram tragados pela interatividade da comunicação eletrônica**. São Paulo, Revista Novos Olhares, número 04, 2º semestre, 1999. P. 04-11.
- _____. **O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio**. Unijuí, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2002.
- _____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Paulus, São Paulo, Brasil, 2004.
- _____. **Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas**. Paulus, São Paulo, Brasil, 2009.
- _____. **Dicionário da comunicação**. Ciro Marcondes Filho (Org.). 2º edição, revista e ampliada. São Paulo, Paulus, 2009.
- _____. Impasses da comunicação eletrônica: a questão do diálogo na rede e do outro. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 303-314.
- _____. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, Brasil, 2012.
- _____. **Nova teoria da comunicação, v. 1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico**. Paulus, São Paulo, 2013.
- MOREIRA, Benedito Dielcio. Jovens e as Tecnologias: Entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.). **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. P. 21-41
- MOREIRA, Benedito Dielcio; FICHTNER, Bernd. **Juventudes, tecnologias e consumo midiático: Andanças virtuais revelam a constituição do novo**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura, v.13, n.01, jan-abr 2015, P. 67-83. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13122/9583>>. Acesso em 03 de julho de 2015.
- SAMSONOW, Elisabeth von. **Os Sentidos Armados. A razão e seus instrumentos na Renascença**. Tradução de Martinho Júnior. Revista GHREBH N. 9, São Paulo, Março de 2007. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=SamsonowFranc>>. Acesso em 03 de julho de 2015.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. Coordenação: Valdir José de Castro. Paulus, São Paulo, 2003.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Vozes, Petrópolis, Brasil, 2005
- ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. Tradução de Carlos D. Szlak. São Paulo, Annablume, 2006.